

PERIÓDICOS CEARENSES DO OITOCENTOS NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA SAÚDE E DAS DOENÇAS

Adson Rodrigo da Silva Pinheiro
adson.rodriigo@gmail.com
Mestrando em História Social – UFC

Mayara de Almeida Lemos
mayleamos3000@yahoo.com.br
Mestre em História Cultural - UECE

Resumo

No século XIX a pretensa neutralidade jornalística ainda não era uma realidade, muito pelo contrário, os periódicos manifestavam claramente, alguns logo em seus títulos, os ideais que defendiam. Dentre os periódicos cearenses publicados no Oitocentos, destacamos os seguintes: Gazeta Oficial, O Cearense, O Sol, e Pedro II, como instrumentos eficazes da divulgação, não apenas, de dados estatísticos e relatórios de ações tomadas pelo Governo da Província do Ceará para debelar epidemias, mas, principalmente, por oferecerem espaço para a publicação de cartas remetidas por vários correspondentes espalhados na Província, muitas das quais trazem, de forma explícita, intencionalidades políticas, em meio às críticas sobre as formas de combater as epidemias; bem como manifestavam posturas com relação a defesa de pontos de vista específicos, quanto à ciência, religião, castigo, conceitos que permeavam as representações de doenças no período analisado. A discussão sobre a utilização dos periódicos na área da História da Saúde e das Doenças se deu através do enfoque da epidemia de cólera. Assim, o recorte temporal da análise foi o período de manifestação da epidemia no Brasil – 1855 a 1856 – e os anos em que, de fato, atingiu o Ceará – 1862 a 1863. Este trabalho é resultado de reflexões e desdobramentos da pesquisa de mestrado, intitulada “O terror de apoderou de todos”: Os caminhos da epidemia de cólera em Quixeramobim (1862-1863).

Abstract

In the nineteenth century the so-called journalistic neutrality was not yet a reality, quite the opposite, Periodicals clearly manifested, some right on their titles, the ideals defended. Among the Ceará journals published in this century, include: Gazeta Oficial, O Cearense, O Sol, e Pedro II, as effective instruments of dissemination, not only of statistical data and reports of actions taken by the Govern of Ceara Province to defeat epidemics, but mainly to offer a space for publishing letters sent by various correspondents spreaded in the province, many of which bring, explicitly, political intentions, amid criticism about the way epidemics were faced; as well as demonstrating postures regarding to the defense of specific views, about science, religion, punishment, concepts that permeated the representations of disease during the period. The discussion on the use of newspapers in the area of the History of Health and Disease happened through the focus of the cholera epidemic. Thus, the time analysed was the period of manifestation of the epidemic in Brazil - 1855-1856 - and the years when, in fact, it reached Ceara - 1862 to 1863. This work is the result of reflections and consequences of the master research, entitled "The horror came over all": The ways of the cholera epidemic in Quixeramobim (1862 to 1863).

Introdução

No século XIX os jornais impressos eram o principal meio de comunicação. Através deles, notícias circulavam entre países, províncias e cidades. Em períodos de calamidade, como a ocorrência de epidemias, tornava-se imprescindível a circulação dos saberes na tentativa de fazer frente ao avanço das doenças.

Quando o cólera aportou no Brasil, desembarcando no Pará, no ano de 1855, os jornais de todo o país deram espaço a publicações sobre como a doença era entendida na Europa, que vivenciou grandes surtos, especialmente em 1832, no intuito de copiar modelos adotados pelos europeus, considerados mais experientes e preparados no combate ao mal do Ganges. Os jornais, a partir daí, tornaram-se receptáculo de correspondências remetidas por médicos de diversos locais, buscando expor seus pontos de vista acerca da doença, de como evitá-la e ainda recomendando os tratamentos que consideravam mais adequados. Com isto, a legitimação dos saberes médicos, em curso durante o Oitocentos, ganhou cada vez mais força, tendo em vista que o momento de desorganização social era propício à divulgação dos saberes médicos, os quais poderiam angariar poder junto às autoridades públicas na condução das normas de intervenção para a organização das cidades, separando os espaços considerados nocivos, das localidades habitadas.

Apesar da “preparação” iniciada desde 1855, o Ceará deparou-se com a epidemia de cólera em 1862, e mesmo com os conselhos provenientes do exterior, e de outras províncias brasileiras, o *funesto viajante* fez sua entrada triunfal na Província, deixando o rastro de morte em sua trajetória.

Algumas das principais fontes que nos auxiliaram na busca dos rastros da epidemia de cólera que se manifestou no Ceará nos anos de 1862 e 1863, foram os jornais: *Gazeta Oficial*, *O Cearense*, *O Sol*, e *Pedro II*; é a partir deles que as narrativas acerca do cólera serão tecidas neste artigo, que busca oferecer um panorama sobre as possibilidades de utilização dos periódicos para pesquisas na seara das epidemias.

Enfocamos ainda o contexto político e social que permeava a produção dos jornais e as concepções que os mesmos divulgavam quanto à natureza da doença. Vale a pena ressaltar que os periódicos citados estão disponíveis para consulta gratuita no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Os periódicos

A Gazeta Official iniciou suas atividades em 1862 como um espaço para publicação dos atos oficiais do Governo da Província do Ceará. Era publicada duas vezes por semana, às quartas-feiras e sábados, e tinha como proprietário Francisco Luís de Vasconcellos. A estrutura do periódico era composta por quatro páginas, nas quais estavam as seguintes seções: Parte Official – onde era publicado o expediente do Governo da Província, com as respostas dadas pelo Presidente da Província aos requerimentos que lhe eram feitos -, O Cholera – seção em que eram divulgadas notícias sobre o andamento da epidemia, obituários, envio de médicos e remédios para os municípios, entre outras ações -, Notícias diversas – seção em que publicavam notícias advindas de jornais de outras províncias, bem como correspondências vindas do interior da Província-, e por último a seção de anúncios.

A peculiaridade da *Gazeta* é a informação não apenas do número de óbitos causados por cólera, mas também da quantidade de acometidos, ou seja, pessoas que haviam sido atingidas pela doença, o que proporciona uma melhor compreensão do período epidêmico, além disso, os ofícios e circulares provenientes do Governo da Província eram reproduzidos nesse periódico, em virtude de ser a folha oficial do Governo.

O periódico *O Cearense* foi fundado em 1846¹, tendo como diretores e redatores Frederico Pamplona, Tristão Araripe e Thomaz Pompeu, e contando ainda com os redatores Miguel Ayres, João Brígido, Dr. José Pompeu, Conselheiro Rodrigues Junior e João Câmara; alguns deles possuíam bacharelado em direito, outros pertenciam à carreira militar, mas todos eram atuantes na política cearense (FERNANDES, 2006, 18).

O Sol é considerado por Nobre (2006,97) um dos “principais representantes do jornalismo ‘crítico’ ou polêmico do Ceará no decênio 1860-1869”. Tal característica pode ser atribuída a atuação de Pedro Pereira, que através de seus textos fazia oposição aos liberais, os quais veiculavam suas ideias no *O Cearense*, quanto os conservadores, que por sua vez, faziam uso das páginas do *Pedro II*.

¹ *O Cearense*, jornal que se definia como ‘órgão do partido liberal’, foi publicado em Fortaleza. Seu primeiro número é de 04 de outubro de 1846. Algum tempo após a proclamação da República, até 25 de fevereiro de 1891, data de seu último número, foi publicado com o título de ‘órgão democrático’. Cf. CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Fatos e Documentos do Ceará Provincial**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1970. p. 116.

Em 1862 *O Sol* era publicado semanalmente, aos domingos, e durante a ocorrência da epidemia de cólera foram publicadas na primeira página uma série de matérias a esse respeito. Dentre tais construções textuais selecionamos em nossa análise as “Cartas” que envolviam dois personagens fictícios: Braz Pitorra e sua sobrinha Ignez Sensata. Redigidas sob a forma de versos rimados, eram da autoria de Pedro Pereira da Silva Guimarães, compostas em caráter jocoso e repletas de ironia.

Conforme o Barão de Studart as “engraçadas cartas” foram inicialmente publicadas no jornal *Pedro II*, ao qual Pedro Pereira esteve vinculado de 1841 a 1855, porém incontestavelmente foi *O Sol* a mais “exuberante manifestação de seu gênio de crítico e polemista”, tais personagens manifestavam suas opiniões sobre diversos assuntos como conselhos de um tio a sua sobrinha.

Nascido em 1814, no município de Aracati – Ce, Pedro Pereira concluiu o bacharelado em Ciências Jurídicas na Academia de Direito de Olinda em 1837. Destacou-se no cenário nacional por ser o primeiro deputado a apresentar projetos propondo a liberdade do ventre e a emancipação progressiva dos escravos, ainda em 1850 e 1852.²

O periódico *Pedro II* era da propriedade de Miguel Fernandes Vieira, e representava os interesses do Partido Conservador no Ceará. Em 1862 publicava-se diariamente, com exceção dos domingos e feriados religiosos, e nesse período o periódico fazia oposição política ao Governo da Província, liderado pelos liberais.

O desenrolar da epidemia: concepções e recomendações nos jornais

A cólera é transmitida através da ingestão de água ou alimentos contaminados com fezes humanas, suas principais características são: diarreia intensa, vômitos e câibras. A diarreia causa desidratação no indivíduo e sua pele passa a apresentar coágulos verde azulados (LIMA, 1992,18). Tal conhecimento acerca da forma de aquisição da doença se consolidou no século XX, na segunda metade do Oitocentos a doença que causava diarreia e vômitos abundantes era designada como *cholera-morbus*, em virtude do alto grau de mortalidade causado, e por vezes era representada com um certo grau de personificação - o cólera, viajante que veio de terras

² STUDART, Barão de. **Dicionário bio-bibliográfico cearense**. Fortaleza: Typo Lithographia a Vapor. s.d. Disponível em: <www.ceara.pro.br/cearenses/listapornomedetalhe.php?pid=33943>. Acesso em: 13 de outubro de 2015.

longínquas, como instrumento de Deus para punir a humanidade por seus desregramentos; daí a opção por nos referirmos ao cólera como substantivo masculino, em respeito à terminologia empregada nas fontes consultadas.

Em julho de 1855, *O Cearense* publicou cartas oriundas de outras províncias, narrando o desenrolar da epidemia, e, em meio às incertezas acerca das causas da moléstia, foram sugeridas formas de prevenção e tratamento. Enquanto os médicos ainda debatiam acerca do caráter da doença (se cólera asiático ou colerina / uma forma da doença considerada mais branda) os editores do periódico citado acreditavam que o caráter da doença que chegara ao Brasil era mesmo o mais temido: cólera asiático. A partir desta concepção foi questionada uma “exposição sobre a epidemia do Pará” feita pelos médicos José Lourenço³ e Domingues⁴ no jornal *Pedro II* na qual afirmavam que “o cholera-morbus nunca passou da Europa”.

Esta asserção de dois professores de medicina em matéria de sua competência, fez-me suspeitar de que era falso o que tenho tantas vezes lido da presença desse terrível Leviathan asiático, não só na África, e ilhas, como no continente americano, quer no tempo de sua primeira invasão em 1832, quer em 1848, e 1851, e até o anno passado, pois constava que havia cholera em New York, Antilhas, México e Venesuella. Podendo estar enganado, ou me terem enganado os jornaes em que li taes noticias, recorri ao dictionario de Chernoviz da ultima edicção de 1851, e nelle achei o seguinte, que os Srs. médicos da citada expozição dirão se é, ou não exacto; porque alguém está em erro (O Cearense, 27.07.1855. Anno IX. n. 851.O cholera-morbus, p. 03. (Editorial).

Assim o editor, anônimo, discorda da opinião dos médicos citados - publicada no jornal *Pedro II*, órgão representante do partido opositor, o Conservador – e usa o Dicionário do Dr. Chernoviz para amparar seu argumento. A obra foi tomada como referência de conhecimento médico, e após a citação do Dicionário não foi feito mais nenhum comentário, posto que a palavra deste manual era considerada, pelo editor, suficiente para dirimir quaisquer dúvidas. Mas por que médicos e autoridades políticas

³ Primeiro médico cearense a se formar pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Natural de Aracati, partiu para a capital do Império em 1829 e ingressou na Faculdade de Medicina em 1832. Sua atuação médica no Ceará teve início em 1838. Exerceu as funções de Médico da Pobreza e Inspetor de Saúde Pública. Militante ativo do Partido Liberal, exerceu o cargo de deputado nos biênios 1838-39, 1840-41, 1846-47. Cf. STUDART, Barão de. **Dicionário bio-bibliográfico cearense**. Fortaleza: Typo Lithographia a Vapor. s.d. v. 2, p. 141-145.

⁴ O Dr. Antonio Domingues da Silva, natural do município cearense de Sobral, transferiu-se para a França, onde obteve o grau de Doutor em Medicina em 1843. Retornando ao Ceará, desempenhou as funções de Inspetor de Saúde, deputado, tesoureiro da alfândega, professor de francês e ainda foi um dos fundadores e primeiro presidente do Gabinete de Leitura Cearense de Fortaleza. Cf. STUDART, Barão de. Op. cit. s.d. Disponível em: < <http://ceara.pro.br/cearenses/listapornomedetalhe.php?pid=33172>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

estariam negando a ferocidade da epidemia e atribuindo-lhe um caráter “benigno”? Um dos motivos para isto seria a preocupação com os efeitos que o medo poderia causar à população, tendo em vista que aquele era considerado um fator moral que predisponha os indivíduos a adquirir a doença.

A fim de “concorrer para levar a todos a calma ou um justo limite aos seus receios que com as palavras cholera-morbus se tem apavorado a nossa cidade”, é que o Dr. Antonio José Alves⁵ publicou no Jornal da Bahia suas ideias quanto ao cólera, as quais foram reproduzidas n’*O Cearense*:

A moléstia que actualmente se está manifestando entre nós é o cholera sporadico, moléstia benigna, e que escolhe suas poucas victimas entre aquelles indivíduos que não cuidão a tempo em tractar os seus primeiros symptomas, ou que vivem em lugares immundos pelos excessos ou extenuados pelas privações (O Cearense, 21.08.1855, p. 03).

Além de procurar acalmar a população soteropolitana, definindo o cólera que estava ocorrendo na Bahia como sendo de um tipo benigno, esporádico, o Dr. Antonio José Alves relacionava a doença à pobreza, pois as condições de alimentação, moradia, trabalho, assim como os hábitos desregrados, seriam fatores cruciais para a aquisição da doença.

O médico José Lourenço de Castro e Silva, Inspetor de Saúde Pública do Ceará, apresentou suas conclusões sobre a epidemia tendo como base a observação de enfermos e a análise de estatísticas, o que indica que os conhecimentos científicos acerca da doença ainda eram indefinidos: “parece, pois que a sua propagação não se transmite por contagio, e que este só se dá havendo certa predisposição athmospherica, e individual que actua ao mesmo tempo sobre os habitantes de uma mesma localidade” (*Gazeta Official*, 20.09.1862, p. 03).

Sob a denominação de predisposição individual agrupavam-se vários fatores, relacionados à teoria humoral e a questão da necessidade de manter os fluidos corporais em equilíbrio, evitando os excessos.

Entre os anos de 1855 e 1856 o jornal *O Cearense* publicou 30 recomendações, algumas escritas pelos médicos cearenses, Liberato de Castro Carreira e

⁵ Dr. Antonio Jose Alves, natural de Salvador, obteve o grau de doutor em medicina em 1841, pela Faculdade de Medicina da Bahia, da qual se tornou professor. Cirurgião na Santa Casa de Misericórdia da Bahia, apontado como um dos mais hábeis cirurgiões por seus contemporâneos, este médico foi pai do poeta Castro Alves. Cf. <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/01/antonio-jose-alves.html>>. Acesso em: 12. jul. 2011.

José Lourenço de Castro e Silva, e outras provenientes de jornais de diferentes províncias - Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Pará, Alagoas - contendo ainda textos veiculados em Portugal e Paris. Tais recomendações eram publicadas na primeira e segunda páginas do jornal, nas duas colunas inferiores, para que pudessem ser recortadas e agrupadas posteriormente, formando um livreto.

A função da publicação dos conselhos médicos nos jornais não era a de substituir os médicos, pelo contrário, era uma forma da medicina se impor diante da sociedade como detentora de conhecimentos científicos, supostamente capazes de debelar a epidemia de cólera. Postulava-se que os tratamentos indicados deveriam ser seguidos enquanto não fosse possível a consulta com o médico. A análise destas publicações pode fornecer aos pesquisadores a compreensão das diversas formas como a doença era pensada pelos esculápios nos diversos contextos em que se manifestou.

Em 1862 os primeiros casos da epidemia surgiram e rapidamente a província do Ceará teve que lidar com a dolorosa realidade. É válido ressaltar que a informação de tabelas com o número de acometidos foi uma exclusividade da *Gazeta Oficial*, pois *O Cearense* limitava-se a apresentar estatísticas de óbitos. Acreditamos que ao analisar os dados com a quantidade de pessoas que encontravam-se enfermas, impossibilitadas de executar suas ações cotidianas e enfrentando as angústias do adoecimento por cólera, temos uma percepção mais clara da situação vivenciada na Província.

Como a epidemia se manifestava em períodos de intensidade desigual, as notícias se referiam a momentos intensos de surtos, chamados de recrudescimento, e outros, em que os casos diminuía, quando a consideravam extinta. Tal fluxo de variação de casos pode ser observado na análise das notícias publicadas nos periódicos *O Cearense* e *Gazeta Oficial*, especialmente no último, pois este publicava não apenas o número de mortos, mas também de acometidos, proporcionando uma melhor compreensão da extensão da epidemia no Ceará, bem como suas consequências para o cotidiano da população.

Peste é castigo: a concepção religiosa do cólera no jornal O Sol

Enquanto médicos e jornalistas vinham se preocupando em publicar ideias científicas buscando definir o cólera, *O Sol* assumiu uma posição enfática ao criticar a

ganância dos médicos e responsabilizar o adoecimento da população cearense aos seus próprios pecados.

Se a peste, a fome, e a guerra são meios de que se serve a onnipotência Divina, quando agravada pelos peccados dos homens, em vão procurão elles obstar a invasão destes inimigos cruéis. A cessação destes males apenas aparece com a aplicação dos remédios moraes = a oração, a penitencia e a reforma dos costumes. A fé, a esperança na Misericórdia Divina nos poderá salvar do mal, mas nunca as fumigações, as quarentenas, a feira de Medicinas. (O SOL, 09.03.1862, p. 02)

Mesmo reconhecendo a existência de exceções entre os médicos, para *O Sol*, em especial para Pedro Pereira, a maioria dos médicos era movida pelo interesse econômico, que os levava a cobrar quantias exorbitantes para o tratamento dos coléricos: “somos filhos do ganha-dinheiro e dona especulação, que nos dictarão esta doutrina desde o berço da nossa clínica” (*O SOL*, 08.06.18, p. 01).

Além de expor a atuação dos médicos como gananciosa, ela ainda era considerada inútil. Tendo em vista que se a doença era fruto de castigo divino, somente ações para aplacar a fúria de Deus e obter o perdão dos pecados surtiriam efeito:

O cholera é para nós o anjo exterminador, que no limiar de nossas habitações forceja, mas não lhe é dado entrar, porque encontra por tranqueira o ROZARIO DE MARIA, que piedosa Mãe dos pecadores obsta a sua entrada, quando invocado o seo patrocínio com fé, e reforma de costumes. Esta é a nossa crensa. A oração e a penitencia são os mais efficases antídotos do mal. (O SOL, 18.05.1862, p. 01)

Nesse sentido, a partir de cada forma como a doença era pensada, atribuíam-se as medidas consideradas mais eficazes para combatê-la. No contexto em questão, a medicina buscava se legitimar perante a sociedade, no entanto, as concepções religiosas ainda eram bastante fortes, o que nos permite observar o caráter de processo em que tal legitimação estava inserida, e que diversas compreensões acerca da epidemia muitas vezes não se excluía, e até se complementavam.

Na Carta de Braz Pitorra a sua sobrinha Ignez Sensata, publicada no *O Sol* em 04 de maio de 1862, temos novamente a verve irônica de Pedro Pereira a serviço da crítica à atuação dos profissionais envolvidos nas artes de curar:

*Sabe bem que os boticários
Conquistão larga propina,
E que a gente que se assigna
Com D R atraz do nome*

Montes de oiro consomme.
(...)
Resolve a visita medica
Do chamante a condição
Se pobre; resposta – não;
Se rico: - espere vai já,
Que levantado elle está.

Os taes meos esculapinos
Que abundão quaes gafanhotos
Pobres de fama, ignotos
E ignorantes também,
Em grande conta se tem
(...)
E se dizem filantropos
E homens de consciência,
Quando fazem exigência
De trinta mil réis por dia!...
Que boa filantropia! (O SOL, 04.05.1862, p. 02)

Considerando a seletividade na opção pelo atendimento aos coléricos, Pedro Pereira aponta como solução que os remédios sejam distribuídos para a própria população, a qual, instruída sobre a forma de utilizá-los, se medicaria conforme o estágio da doença. Tal discurso contraria a concepção religiosa do cólera, como o editorial do jornal vinha defendendo, no entanto, a mistura de ideias científicas e religiosas era algo inegável na segunda metade do Oitocentos, e não raro, se fundiam.

Política e combate ao cólera: a atuação do Presidente da Província em questão

A credibilidade do Presidente da Província, José Bento da Cunha Figueiredo Junior, membro do Partido Liberal, e sua atuação enquanto provedor responsável pelo envio de recursos às localidades afetadas sofreu ataques do Partido Conservador através do jornal *Pedro II*.

No intuito de defender o Presidente, os jornais representantes do Partido Liberal, *O Cearense* e *Gazeta Oficial*, publicaram correspondências, provenientes de vários locais, nas quais era exaltada a rapidez com que Figueiredo Junior procedia no envio de médicos, gêneros alimentícios, medicamentos e recursos financeiros, justificando que mais ações não eram possíveis em virtude das limitações econômicas e de profissionais, condições às quais estava sujeito e cuja resolução não dependia dele.

O *Correio Natalense* solidarizou-se com a causa do Presidente cearense e publicou um texto intitulado “Assalto do cholera-morbus na provincia do Ceará: serviços

e caridade do Exmo. Sr. Dr. José Bento da Cunha Figueiredo Junior”, no qual afirmava o seguinte:

É nos sobremaneira doloroso testemunhar o estado aflictivo em que se vêem os nossos irmãos Cearenses, com a invasão do gigante asiático!!! (...) Sangra-nos, pois, o coração de dor observar os embates da mortífera epidemia porque está passando o povo Cearense e fazemos votos ao Todo Poderoso para que seja extinto o açoite da ira divina. (...) Para todos os pontos da província onde o furor da epidemia se desenvolve, tem S. Exc. mandado estabelecer hospitaes provisórios, enviado médicos, remetido ambulâncias, alimentos e roupa para a classe que não dispõe de recursos, e nas expedições das respectivas ordens e providências, patenteia o Exm. administrador um zelo e dedicação credores de justos encômios. (...) Não obstante porém a verdade que acabamos de anunciar; não obstante os serviços de grande monta que o Exm. Sr. Dr. Cunha Figueiredo Junior vai prestando a província do Ceará, tem sido censurado pelo Pedro II por (...) confiar demasiadamente na caridade particular. (...) Permitta, pois, o Pedro II que lhe digamos que foi injusto, quando acusou o distinto presidente de sua província, porque é zeloso e desenvolve uma economia bem entendida na distribuição dos dinheiros públicos. (...) dá S. Exc. uma robusta prova de que comprehende perfeitamente as atribuições do elevado cargo que occupa, além de que evita que se reproduzam actos de desperdícios, que se deram em o anno de 1856, quando o cholera-morbus ameaçou as províncias do Império, de que ficou então isenta a do Ceará (Gazeta Official. 06.08.1862, p. 04).

Como é possível observar as acusações publicadas no jornal *Pedro II* apontavam a demora no envio de recursos, o desperdício de dinheiro e a confiança demasiada na caridade particular.

Em 17 de junho, *O Cearense* destacou em sua página inicial uma defesa ao Presidente, cuja autoria é anônima, afirmando que a única coisa que poderia ser censurada na administração do José Bento seria a facilidade em aceitar contratos com médicos e curandeiros por quantias fabulosas, porém isto deveria ser relevado tendo em vista que a situação obrigava a gastar o que fosse necessário e a administração da Província estava coagida entre pretensões exageradas e “os clamores das populações atingidas” (*O Cearense*. 17.06.1862, p. 01).

Em outra publicação d’*O Cearense* tem-se a seguinte informação:

achão-se em comissão 36 medicos, cirurgiões, e curandeiros nos pontos atacados do cholera, afora muitos outros empregados subalternos pelas comissões das localidades. E não obstante diz-se na corte ao governo, e grita-se aqui que a presidência deixou a província ao desamparo sem médicos nem remédios! Diga-se a verdade, que não é por falta de socorros que o mal tem feito estragos, mas sim por que elle zomba de tudo (O Cearense. 29.07.1862, p. 01).

Assim, o Presidente parecia estar buscando socorrer as localidades atingidas, contratando inclusive curandeiros, porém, os boatos que afirmavam o contrário já circulavam, inclusive na Corte. Uma das correspondências publicadas a favor do Presidente é a do Vigário Antonio Pinto de Mendonça:

Tenho lido as acusações do Pedro II ao presidente; e confesso-lhe que acho-as destituídas de todo fundamento. Triste cousa é governar em uma quadra semelhante; é preso por ter cão, é preso por não ter cão. O presidente para este município tem dado todas as providencias necessárias, e prestado todos os socorros, que lhe tem sido pedidos, agora mesmo mandou para aqui, mais dois médicos, e ordem para a comissão de socorros gastar o dinheiro que for necessário com dieta e socorros aos indigentes. Se cada um conta da festa conforme lhe vai n'ella, nós aqui só temos motivos para elogiar e agradecer ao presidente (O Cearense. 05.08.1862, p. 03).

Assinando como “seu colega, amigo e criado” e rubricando apenas como “Pinto”, o Vigário posicionou-se em defesa do administrador da Província, salientando que, no caso de Quixeramobim todas as solicitações estavam sendo atendidas a contento. Todavia, nem sempre as correspondências eram assinadas. Em alguns casos os remetentes utilizavam pseudônimos para poderem expressar livremente suas opiniões sem preocupar-se com retaliações por parte dos adversários.

Identificar a autoria dos textos publicados, especialmente na coluna dos editoriais, é uma tarefa quase infrutífera, pois eram comuns no século XIX as publicações anônimas. Em caso de alguma ação legal contra a publicação quem respondia eram os tipógrafos e impressores. Se compreender a autoria dos editoriais era complicado, ainda havia as correspondências anônimas remetidas do interior da Província para os jornais da Capital, as quais “eram bem mais aceitas, já que, representando a capital, as opiniões dos próprios jornalistas pareciam ser suficientes” (FERNANDES, 2006, 60).

Como árbitro nesse impasse acerca do empenho do Presidente José Bento em combater a epidemia de cólera, *O Sol* veio a público se posicionar deixando claro que “não defendemos a administração porque tenhamos compromisso algum de espírito de partido, ou de interesse pessoal” (O SOL, 13.07.1862, p. 01).

A atuação do Presidente estaria condicionada a decidir entre dois lados, pois “se por um lado tinha as reclamações ou dos verdadeiramente acometidos da peste, ou simplesmente dos receiosos dela, por outro lado tinha recomendações do governo imperial para ser escrupuloso nas despesas feitas por conta do estado” (O SOL, 13.07.1862, p. 02).

A recomendação do Ministro do Império, em 09 de janeiro de 1862 foi a seguinte:

sendo para receiar-se a invasão desse flagello em outras Provincias, julgo necessário chamar atenção de V. Ex.^a para conveniência de se proceder com a devida intercedencia ao estudo das medidas e providencias que se tronarão indispensáveis no caso de se realizar esta triste previsão de modo que se ahi se manifestar a epidemia, conheça V. EX.^a todos os recursos com que pode contar e se ache preparado para pôr em pratica um systema de serviços previamente assentado, e que concilie devidamente todos os interesses que em taes circunstancias cumpre que sejam attendidos. Fazendo esta recommendação a V. Ex.^a ao he a intenção do Governo Imperial autorisar antecipadamente despezas que poderão tornar-se desnecessárias, mas antes tem em vistas que, habilitada essa Presidência com os estudos e informações convenientes, possa na occasião providenciar de um modo mais econômico e proveitoso.⁶

O Sol ainda questionou de forma irônica a postura do *Pedro II* com relação às denúncias feitas ao Presidente José Bento: “acaso quererão que S. Exc. mandasse logo ao chegar, pôr no meio da praça o cofre da tesouraria aberto, para dele tirarem todos os que quisessem a sua somma” (O SOL, 13.07.1862, p. 02).

No domingo seguinte a publicação citada anteriormente, *O Sol* veio mais uma vez a defender a atuação do Presidente José Bento, na primeira página do periódico, desta vez apontando a causa do furor com que o *Pedro II* vinha atacando o referido político: a demissão do Dr. Franco, um dos redatores do jornal *Pedro II*, do cargo de Inspetor da Tesouraria Provincial (O SOL, 20.07.1862, p. 01)

Uma das práticas do jornalismo cearense ainda em voga na segunda metade do século XIX era a publicação de correspondências falsas, as quais eram atribuídas a autores anônimos, no intuito de garantir respaldo e apoio as matérias defendidas, assim *O Sol* (17.08.1862, p. 01) aponta que o *Pedro II*, com o qual vinha travando debate em defesa da atuação do Presidente José Bento, estaria fazendo uso deste artifício.

há ou pode haver, quem se capacite, que quando a província está sob a impressão de uma epidemia mortífera como o cholera, quando todos por ahi algures não fazem objeto de suas conversações, senão os estragos do cholera, esqueção-se do que tanto os magoa, para escrevinharem cartas, mais cartas, eternas cartas dando os pesares ao Sr. Franco, porque foi demittido, e ao presidente exprobações por que o demittio!?

Assim, podemos pensar nas múltiplas dimensões que o momento da epidemia pode oferecer aos estudiosos não somente da área da História da Saúde e das

⁶ Cópia do ofício do Ministro ao Presidente do Ceará em 09.01.1862. APEC. Fundo: Ministérios. Seção: Avisos do Ministério dos Negócios da Fazenda ao Presidente da Província do Ceará. Data: 1861-1867. Localização: Ala 04/Est. 05/ Prát. 22/ Liv. 05

Doenças, mas de diversos setores, tendo em vista que as doenças foram historicamente utilizadas como instrumentos de disputa e aquisição de poder, seja ele intelectual, político ou econômico. O debate sobre a presteza ou morosidade do Presidente da Província no cuidado com os coléricos, portanto, extrapola a narração de fatos, implica a necessidade da análise dos interesses envolvidos.

Bibliografia

FERNANDES, Ana Carla Sabino. **A imprensa em pauta: jornais *Pedro II*, Cearense e Constituição**. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria de Cultura, 2006.

LEMOS, Mayara de Almeida. **O terror se apoderou de todos: os caminhos da epidemia de Cólera em Quixeramobim (1862-1863)** - Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Acadêmico em História, Fortaleza, 2013.

LIMA, Darcy Roberto. **Só tem cólera quem quer**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1992.

NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Edição fac-similar. Fortaleza: NUDOC, SECULT/ APEC, 2006.

STUDART, Barão de. **Dicionário bio-bibliográfico cearense**. Fortaleza: Typo Lithographia a Vapor. s.d. v. 2.